

**A linguagem do grotesco na fala do Presidente Bolsonaro:  
os efeitos de uma comunicação estética na política**

*The language of the grotesque in President Bolsonaro's speech:  
the effects of aesthetic communication on politics*

Geder PARZIANELLO<sup>1</sup>  
Sandra Barbosa PARZIANELLO<sup>2</sup>  
Anthony Teixeira DE SOUZA<sup>3</sup>

**Resumo**

As formas de expressão do presidente da República Jair Bolsonaro revelam uma estética do grotesco. Num esforço interdisciplinar em que convergem estudos dos campos da Comunicação, da Ciência Política, da Filosofia e da Linguagem, nos propomos a pensar a estética da expressão do poder, aqui espelhada em como as experiências enunciativas ordenam e desordenam o cenário da política. O estudo ampara-se em teorias do discurso, da argumentação e da retórica para pensar o poder, a estética da comunicação política contemporânea e seus efeitos. A pesquisa usa a metodologia da análise do discurso para tratar o objeto da investigação em seu contexto e concluir na direção do grotesco como espetacularização da linguagem.

**Palavras-chave:** Bolsonaro. Grotesco. Estética. Poder. Política.

**Abstract**

The forms of expression of the President of the Republic Jair Bolsonaro reveal an aesthetic of the grotesque. In an interdisciplinary effort in which studies in the fields of Communication, Political Science, Philosophy and Language converge, we propose to think about the aesthetics of the expression of power, here mirrored in how the enunciative experiences order and disorder the political scenario. The study draws on theories of discourse, argumentation and rhetoric to think about power, the aesthetics of contemporary political communication and its effects. The research uses the discourse

---

<sup>1</sup>Doutor em Comunicação (PUCRS) e Pós-doutor em Estudos de Mídia (Medienwissenschaft) pela Universität Paderborn, Alemanha. Professor Associado da Universidade Federal do Pampa. Líder do Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa Unipampa/CNPq. E-mail: gederparzianello@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência Política (PPGCPol/UFPel) Bolsista CAPES. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa Unipampa/CNPq. E-mail: parzianellos@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Graduando de Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa. Bolsista de Iniciação Científica e membro do grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa: Unipampa/CNPq. E-mail: anthony.teixeira.souza@gmail.com

analysis methodology to treat the object of the investigation in its context and to conclude in the direction of the grotesque as spectacularization of language.

**Keywords:** Bolsonaro. Grotesque. Aesthetics. Power. Politics.

## Introdução

Em 22 de abril de 2020, a reunião ministerial ordinária da Presidência da República foi excepcionalmente gravada a pedido do presidente Jair Bolsonaro. Dias depois, aquela gravação veio a público, por decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal, Celso de Mello, como parte do inquérito que tratou de denúncias feitas pelo então ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, pouco antes de ele anunciar sua demissão, em 24 de maio, em que mencionava as tentativas do presidente de interferir na Polícia Federal para proteger, supostamente, amigos e familiares ameaçados por investigações em curso, o que seria um ato de improbidade administrativa do então presidente e que teria levado o ministro à decisão de deixar o governo.

O conteúdo daquela reunião foi alvo de manifestações de repúdio de autoridades dos Poderes constituídos da República, do Legislativo, do Executivo e do Judiciário, de instituições como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), da Promotoria Pública e de parlamentares brasileiros, de governadores e lideranças sociais de todo o país, com repercussão internacional. As imagens revelavam o presidente e alguns de seus ministros usando palavrões e ofensas explícitas e nominais a instituições e a pessoas públicas, expressando sentimentos de ódio contra autoridades, em especial do Judiciário.

Aquele episódio espelhava parte do modo das relações entre poder e linguagem no novo governo. Os atos peculiares da linguagem do presidente da República, Jair Bolsonaro, na forma como ele se dirigia publicamente à imprensa e a seus desafetos no poder, em especial enunciados no chamado ‘cercadinho do Alvorada’<sup>4</sup> já eram conhecidos da população brasileira. A imprensa vinha dando exaustivo tratamento

---

<sup>4</sup> O presidente Bolsonaro cumpre quase diariamente a agenda de falar para apoiadores e jornalistas na entrada do Palácio do Planalto, local que ficou batizado pela imprensa de ‘cercadinho do Alvorada’, em alusão ao acesso restrito que tem o pequeno espaço, rodeado de cercas e grades.

àqueles fatos<sup>5</sup>. Vistos até então, em geral, como estratégia da figura do sujeito e que se acha associada ao seu modo particular de falar, como sendo a sua singularidade, os aspectos grotescos da linguagem do presidente agora se revelariam, após o vídeo com imagens da reunião ministerial, mais que apenas uma forma de expressão individual e mais como a fala de um presidente e de alguns de seus ministros que se podia configurar como um gênero do discurso político.

Galin Tihanov (2001) é quem associa a ideia de grotesco a um gênero discursivo e não apenas a um conceito em estética. Apoiado no pensamento de Bakhtin e Rabelais, o pesquisador britânico aponta que o grotesco desloca o humanismo e explica que na literatura, assim como na arte e na política, o grotesco assume uma importância significativa em diferentes circunstâncias e tempos da história.

A um tempo em que celebridades dentro e fora do campo da política escracham o seu ‘eu’ com palavrões, hipérboles e outras figuras tantas de linguagem e se tornam com isso ‘multivíduos’, numa ubiquidade de suas identidades que se tornam plurais, o que é muito próprio da subjetividade contemporânea, é atual que nos perguntemos, afinal, o que ainda nos causa espanto numa retórica como aquela de nosso presidente. Não são por certo os palavrões por si só de que ele se utilizou, mas, também e principalmente a maneira reducionista e simplista de falar.

O professor e pesquisador Henry Giroux (2020, p.23) afirma que o “uso de uma linguagem simplista que não considera a complexidade da realidade social, evita o diálogo honesto, mente sobre os fatos, distorce a história e desconsidera as lutas democráticas”. Nesse sentido, o grotesco se acha facilmente associado ao simplista porque reduz a explicação do real. De fato, desde os estudos aristotélicos sobre retórica, na Grécia Antiga, e sua atualização com a Nova Retórica de Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca, em 1958, temos que uma das formas de tratar a argumentação é desqualificar o recalitrante, estratégia que equivale a ofendê-lo, diminuí-lo ou humilhá-

---

<sup>5</sup> Em agosto de 2019, o presidente chegou a recomendar a um jornalista que “fizesse cocô dia sim, dia não” para melhorar a preservação do meio ambiente. A declaração foi feita em resposta à pergunta sobre como avaliar ser possível conciliar conservação ecológica com crescimento econômico. (ZH, 11/08/19, p.12). Em outros episódios, o presidente chegou a mandar uma jornalista calar a boca e chegou a dizer que os jornalistas estariam presos se “excesso jornalístico desse cadeia”. Em fevereiro de 2020, em entrevista coletiva no Palácio Alvorada, Bolsonaro ofendeu a jornalista da Folha de São Paulo, Patrícia Campos Mello, fazendo um trocadilho infame e misógino sobre “dar o furo”. O episódio gerou nota de repúdio da Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ). Disponível em: <<https://www.sintrajufe.org.br/ultimas-noticias-detalle/17065/federacao-nacional-dos-jornalistas-emite-nota-contra-ofensa-machista-de-bolsonaro-a-jornalista-da-folha-de-s-paulo>> Acesso em 20/05/2020.

lo e que não há força maior para tal que adjetivações que o reduzam e reduzam também, assim, a necessidade e a justificativa de explicação de contextos reais a sua volta.

Essa negação em relação à realidade a sua volta é materializada discursivamente de muitos modos, como quando são negados os problemas ambientais, por exemplo, ou a desigualdade social da qual são frequentemente vitimadas as populações de minorias<sup>6</sup> como a dos indígenas, e que têm servido a denúncias de racismo ambiental e práticas as quais vêm sendo chamadas de ecocídios daquelas populações.

O interesse no emprego de uma linguagem mais grotesca é mais que apenas um recurso estético de apelo populista pela identificação do homem comum com a figura de seu líder. Ela é também uma forma de anti-intelectualismo que despreza as verdades científicas e prospera sobre a espetacularização da violência. Nesse jogo de forças, nada deve ou pode ameaçar o espetáculo da cena que deseja aquele que se expressa em sua liderança. Ele deve ‘aparecer’ mais que tudo, midiaticamente falando: ‘aparecer’ mais que o próprio Coronavírus<sup>7</sup>, por exemplo, pois é capaz de promover a catarse das massas que se tornam cúmplices de sua moralidade. Observemos que é neste cenário de propagação de uma forma de violência em que se busca ressignificar as palavras que se colocam os embates como o das *fake News*.

Acerca do gosto, cumpre lembrar o que nos ensina Gadamer (apud SCHNEIDER, 2015, p.37) para quem a estética encontra-se separada da moral. Nele, “o gosto não seria um conceito mais moral do que estético”. Daí resulta a necessária reflexão filosófica em comunicação e política, quanto ao fenômeno de adesão que este comportamento de linguagem possa ter provocado junto ao gosto popular de modo a justificar alguma provisória ascensão desse perfil de liderança pública e sua legitimidade no exercício do poder.

O gosto pode ser compreendido também na perspectiva daquilo que nos satisfaz ou dá algum prazer, numa concepção que já se encontra enunciada por Montesquieu (2005). Para o pensador iluminista, as sensações são o ponto inicial do conhecimento.

---

<sup>6</sup> Aqui o conceito de minorias refere-se não à quantidade de certas populações, mas à minoria de voz a que se encontram subjugadas numa dada sociedade, sem espaços de reafirmação de suas identidades e lutas por direitos e sem visibilidade.

<sup>7</sup> Na mesma época, o Brasil vivia a pandemia da Covid-19 com o Coronavírus e que levou à morte centenas de milhões de brasileiros diante da negação sistemática do presidente e seus aliados sobre o potencial destruidor da contaminação. Seu discurso neoliberal defendia a proteção da economia e a volta às atividades comerciais quando o mundo todo se fechava como forma de conter a propagação do vírus.

## Sobre o grotesco

Sodré e Paiva (2002, p.25) afirmam que o grotesco se trata de uma mutação brusca, da ‘quebra insólita de uma forma canônica’, de uma deformação inesperada, sendo seu combustível de funcionamento a catástrofe, e que acabam gerando, enfim, o espanto ou o riso, ou então, geram o horror ou o nojo, sempre sendo passíveis de espetacularização. Tal definição comporta perfeitamente o cenário político do Brasil nesse recorte que promovemos e funda o contexto de nossa análise.

O grotesco, segundo ainda estes mesmos autores, participa da arte, participa de nossa vida ordinária, e participa, portanto, de nossos afazeres, como gestos e hábitos, e, neste caso, pode participar até mesmo de um discurso relativo à presidência. Nesta lógica, é justamente no momento em que os cânones discursivos políticos são rompidos e o inesperado, o estranho, e até mesmo o escatológico são utilizados como recursos de formação discursiva, que se dá o emprego efetivo do grotesco.

Paralelamente, pontuamos que o liberalismo agenda uma forma de biopolítica em que é preciso controlar o comportamento das pessoas, não apenas o seu consumo, mas suas decisões todas. À medida que este controle biopolítico se encontra ameaçado, como em meio a uma pandemia, com questões de saúde pública rivalizando com as necessidades da economia, de cumplicidade governamental, como ocorreu no Brasil neste período do final de 2019 a 2021, os ânimos afloram e o que antes era uma característica apenas singular de agir e se expressar passa a ser uma estratégia de poder.

O grotesco sempre esteve presente nas manifestações humanas. Desde a antiguidade clássica e até a contemporaneidade do mundo ocidental, os traços e os padrões grotescos demonstram fortes indícios de admiração ou repulsa pelo que foge dos padrões harmônicos das coisas. De acordo com Kayser (1957), o termo *grottesco*, cuja derivação morfológica vem de *grotta*, (gruta, em italiano) foi cunhado para definir estranhos objetos encontrados, no fim do século XV, em escavações feitas em Roma e em outras regiões da Itália.

O grotesco se trata de uma combinação insólita e exasperada de diferentes elementos em um só objeto, possuindo referências frequentes a deslocamentos escandalosos de sentido e a situações absurdas, nos quais remetem o espectador à desarmonia do gosto (SODRÉ e PAIVA, 2002).

Queremos formular aqui modestamente que o poder usa a instabilidade e a incerteza, naturais a um quadro de oscilação econômica ou a fragilidade da saúde, como durante o risco de um contágio por um vírus letal de alcance mundial, como numa pandemia, para instaurar o medo e buscar, através dele, a cumplicidade moral de que precisa o gestor público para contar com a adesão do público a que se dirige. Há, ligeiramente, duas formas de compreender esta produção do medo social. Numa hermenêutica mais rasa, o medo é denunciado pelo governo como estratégia da oposição para exercer o controle social que seria o de manter as pessoas em casa, que era, aliás, o slogan da política de distanciamento social defendida por autoridades da Saúde no mundo inteiro durante a pandemia do Novo Coronavírus.

De outra sorte, é possível que o medo tenha também uma construção por parte do governo, à medida que se valha da ameaça do desemprego e do caos na economia para buscar um comportamento oposto por parte da população em relação a ficar em casa e evitar o risco de contágio<sup>8</sup>. Ambas as interpretações parecem igualmente válidas. Há uma terceira, em nosso ponto de vista, que parece mais profunda em nossa análise, porque converge com a estratégia enunciativa do grotesco da linguagem e no que ela contém de rompimento com as formas canônicas para justamente fortalecer o conjunto de crenças que se deseja. Esta interpretação refere-se a uma estratégia persuasiva de construir efeitos aparentes ao que se deseja na direção exatamente contrária. É como se o governo desejasse o caos que ele reiteradamente antecipa como ameaça e no qual se baseia a política do medo. Tão grotesca quanto toda a linguagem que a descreve.

Trata-se de uma racionalidade distinta, uma forma diferente de conceber os significados pelos quais se constroem as noções de realidade. O grotesco é o que impacta, é o que cria o que se chama de racionalidade alternativa (RÜDIGER, 2002, p.131). Mas, em que medida, afinal, pode parecer ter sido mesmo possível a este governo criar as condições de uma racionalidade tão alternativa capaz de promover exatamente o seu contrário ao que efetivamente afirmado?

Uma crença é sempre fixada. Pode ser uma fixação feita na contradição de uma lógica costumeira. É como quando numa disputa eleitoral, por exemplo, um candidato se vale de uma notícia que aparentemente o deprecia, para fazer uso dela, logo adiante, enquanto vítima de um suposto ataque feito por seus adversários naquilo que ele mesmo

---

<sup>8</sup> Ver, a este respeito: PARZIANELLO, G e PARZIANELLO, S. Ficar em Casa ou ir às Ruas: o Uso de Argumentos em Tempos de Pandemia e as Razões da Incerteza na Formação de Juízos. METALINGUAGENS, Vol. 7. Edição 1. 2020, pp.169-196.

criou a seu respeito e que pode agora, tranquilamente, desmentir por não ser mesmo verdade e lograr, com isso, adesões por meio desta estratégia discursiva.

O mesmo funcionamento persuasivo pode ser entendido nas estratégias em relação a denúncias de fake News ou a algumas das disputas de narrativas sociais cujos sentidos estejam em construção ou revisão. Imputa-se ao jogo um cenário que é desfavorável para que se possa, lá na frente, valer-se dele na condição em que se encontrava. Assim, o que aparentemente é desfavorável, ressignifica-se com alguma vantagem para o mesmo sujeito histórico.

São fundamentos de uma semântica discursiva que nos permitem construir essas projeções todas. A Análise do Discurso introduz, nos domínios dos estudos da linguagem, temas como da história, do poder e das ideologias, enquanto condições pelas quais os discursos se materializam. Para Pêcheux (2009) a semântica é o ponto nodal em que a linguística tem a ver com outras ciências e que permite uma reflexão crítica sobre a realidade.

De certa forma, podemos aferir que o emprego de uma linguagem tosca e um comportamento até certo ponto condenável e abusivo por parte do presidente, por exemplo, em relação ao ‘politicamente correto’ e ao que se tem como sendo protocolar do cargo e função que ele ocupa, (não só no caso do distanciamento social, no episódio da pandemia, mas, em muitas outras de suas aparições sociais agendadas), é uma forma de poder construir dois campos igualmente válidos de operação final para lograr aprovação do maior número possível de brasileiros. Há, evidentemente, riscos nesta estratégia, mas a força do argumento está justamente na ambivalência com que seus discursos e atos possam ser futuramente interpretados. O que escapou a esta estratégia foi justamente a visibilidade daquela fatídica reunião, que pode ser metaforicamente comparada ao que estava escondido nas escavações que deram origem ao termo *grottesco*. Uma reunião que deveria permanecer enterrada e cuja gravação o governo tentou impedir que fosse tornada pública, tendo alegado, inclusive, interesse de Estado para evitar que isso acontecesse. Por isso a tomamos como um ponto nodal, na acepção do termo pela Teoria do Discurso de Ernesto Laclau (2013), para compreendermos como aqui se inscrevem disputas de sentido. Para este teórico do discurso, sem um ponto nodal ‘não existiria, de modo algum, a configuração’ (LACLAU, 2013, p.165).

Baseando-se no conceito de Lacan, de *point de capiton*, Laclau toma ponto nodal como sinônimo de hegemonia. É quando mesmo dentro de uma pluralidade

discursiva um dado discurso se hegemoniza. ‘Não é um todo monolítico, fechado em si, mas produz efeitos de posicionamento, autorização e restrição sobre os sujeitos que nela se constituem ou expressam’ (BURITY, 2014, p.66).

Com efeito, aquela reunião ministerial foi uma visibilidade que não era estratégica e fragilizou o governo e parte de seu ministério pela exposição de uma hegemonia em torno de significados homogeneizados para o governo e sobre o governo.

O uso de uma linguagem rude, quase vulgar, agressiva, e claramente violenta, era a exposição do ego de seus atores e suas distopias, de suas fraquezas e frustrações. Antes, funcionava apenas como catarse ao imaginário de seus apoiadores. Agora, poderia funcionar como mecanismo de outra ordem. E desfavorecê-lo politicamente.

Enquanto o grotesco e o bizarro situavam-se na informalidade do ‘cercadinho do Alvorada’, supostamente, traziam menos repercussão negativa ao governo. Porque ali funcionavam disputas de sentido heterônomas, nunca homogêneas, como quando diante de qualquer impropriedade na linguagem, numa racionalidade imediata posterior, era sempre possível ao presidente forçar uma nova configuração de sentido, apelando para interpretações diferentes do seu próprio dizer, ou para um tom jocoso, recurso próprio deste gênero ou estética discursiva.

Uma coisa é o informal funcionar voluntariamente como dispositivo de quebra da ordem para presunçosamente instaurar uma nova ordem. Outra, bem diferente é uma revelação em âmbito midiático e nacional, como foi aquela gravação da reunião ministerial, de forma involuntária, contrariando a decisão do presidente e expondo fragilidades e intenções. A exposição voluntária, aliada às quebras dos cânones discursivos políticos, isto é, a manifestação própria do grotesco, é a grande responsável pelo escândalo midiático e pelo aumento da atenção dos espectadores que têm saldo frequentemente positivo a um homem público com vocação populista.

### **Escândalo midiático**

É justamente com esta ideia de escândalo midiático que o sociólogo John B. Thompson (1998, p.126) explica que ‘se os novos meios de comunicação criaram novas oportunidades para a administração da visibilidade, (...), eles também trouxeram novos riscos’. Não é difícil imaginar os riscos que se encontravam mediante uma exposição como a de expressões usadas contra ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) na

reunião do governo e contra instituições e gestores públicos diretamente. A gravação demonstrava o emprego de 29 palavrões por parte do presidente Jair Bolsonaro, fora expressões usadas por outros ministros e outras revelações incômodas no campo ético e moral da gestão pública.

O filósofo Jacques Rancière (2009, p.17) coloca que todo fazer político possui uma base na experiência estética e afirma que não se trata de uma política submissa às manifestações artísticas, mas, de “uma política que se encontra nos limites do que se compreende como mundo sensível”. De acordo com o filósofo francês, “a política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço dos possíveis do tempo”. É a partir dessa estética primeira, segundo ele, que se pode colocar a questão das ‘práticas estéticas’, no sentido em que entendemos, isto é, como formas de visibilidade das práticas da arte, do lugar que ocupam, do que “fazem” no que diz respeito ao comum.

A reunião não era para ser vista. Nesse sentido, presume-se que não devesse integrar o jogo político, levando-se em conta, principalmente, o que fala Rancière (op.cit.) sobre visibilidade. Por isso, seguramente, a revelação do grotesco daquela reunião e de seu conteúdo afetou tão drasticamente a sensibilidade do mundo da política, com reflexos negativos à gestão governamental. Deu novos significados a determinadas construções de sentido sobre como o governo via e merecia ser visto diante do revelador de seus atos linguísticos.

Baumgarten *apud* Sodré e Paiva (2002, p.38), assinala que a estética se trata de uma ‘ciência do modo sensível de conhecimento de um objeto’, não podendo ser meramente uma característica insólita, presente apenas nas manifestações compreendidas como artísticas. Eles reforçam que quando o filósofo alemão desenvolveu o termo ‘estética’, como campo passível de estudo distinto da filosofia, ele queria ‘mostrar a existência de uma gnoseologia da sensação ou da percepção sensível, irreduzível ao saber lógico’.

Apoiadores do governo Bolsonaro no Brasil se acostumaram a uma estética grotesca do político antes mesmo da eleição do presidente. Este é um elemento contextual que precisa ser levado em consideração se quisermos compreender a ocorrência do fenômeno do grotesco na linguagem de Jair Bolsonaro. Em certa medida, as ideias, os pensamentos e a forma de linguagem ditas grotescas, no comportamento

verbal da figura do presidente, encontram ressonância direta em um de seus maiores influenciadores intelectuais que foi Olavo de Carvalho. Tido popularmente como guru do movimento político conhecido como Bolsonarismo e que explica, de certa forma, a construção de sua trajetória à Presidência da República, é notadamente uma personalidade pública que com frequência faz uso de palavrões e jargões chulos, expressões rudes e toscas, disseminadas em redes sociais, em palestras, livros e principalmente pela internet. Sem aceitação formal na academia, buscou o exílio nos Estados Unidos, onde vive nos últimos anos insuflando uma militância brasileira contra a ideologia de esquerda existente no Brasil.<sup>9</sup> O escracho da linguagem, neste caso, de alguma forma, também força um sentido de intolerância e saturação de parte da população brasileira contra uma dominação ideológica de esquerda e que se manteve no poder central por mais de uma década.

O grotesco na política, todavia, não é uma marca isolada. Funciona também como uma forma de fascismo na política. O filósofo chileno naturalizado brasileiro Vladimir Safatle (2018) explica que o termo fascista “foi usado várias vezes para descrever formas de discurso e posições políticas”, mas que não foi discutido naquilo que realmente significa. Um discurso fascista, uma forma fascista, diz ele, se pode definir por diferentes elementos. Um deles é o culto da violência.

Necessária se faz também a compreensão do momento histórico e das circunstâncias nas quais o grotesco é utilizado e se torna espetacularizado. O hipercapitalismo exacerbado do mundo contemporâneo, conforme explicam Lipovetsky e Serroy (2007), bem como a dificuldade da comunicação nos tempos contemporâneos, já tratada por Dominique Wolton (2010) ou o individualismo proveniente do neoliberalismo, segundo Byung-Chul Han (2018), concorrem a seu tempo para a descrição dos cenários. Soma-se a isso a interpretação sobre o escândalo midiático, feita por John Thompson (1998) e teremos condições de melhor compreender o contexto em que vivemos e suas implicações diversas.

Para Lelo (2019), as convicções morais do sujeito são colocadas de lado para que se possa formular um julgamento entendido como estético, visando, unicamente, os sentimentos de des(prazer) que aquela experiência possa lhe causar. De inspiração kantiana, este entendimento nos leva à ideia bastante razoável de que ao estar em

---

<sup>9</sup> Atualmente, esta vinculação entre Olavo de Carvalho e Bolsonaro vem dando sinais de enfraquecimento. Todavia, foi deste apoio que se fez boa parte da opinião pública a favor do então candidato a presidente, em 2018, sobretudo, nas redes sociais.

evidência por meio de uma experiência estética diante de algum fenômeno sensível do mundo a sua volta, o indivíduo poderá atribuir algum juízo estético a esta experiência, sendo que esta resultará em um gosto. Daí que para boa parte dos brasileiros, ainda, a agudeza do grotesco de certos líderes, de certa forma, até lhes agrada. A própria votação dos eleitores norte-americanos em Trump, na eleição de 2020, mesmo com a derrota nas urnas, comprova que o agrado a este estilo tem ainda adeptos numerosos.

Sodré e Paiva (2002), apoiados também em Kant, evidenciam que o gosto se trata de uma disposição para uma atitude estética. Dessa maneira, entendem que é mesmo possível determinar que a experiência estética e a faculdade de juízo estão diretamente relacionadas às categorias estéticas.

É possível se identificar todo sistema sensível que deixa em evidência o comum partilhado e suas partes entendidas como exclusivas, vigentes em um dado momento, em dado lugar (RANCIÈRE, 2009) Ainda seguindo o autor, a estética estaria na base da política, e a política seria tudo aquilo que se pode ver, que se pode dizer a partir do que foi visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, e mais:

Essa estética não deve ser entendida no sentido de uma captura perversa da política por uma vontade da arte, pelo pensamento do povo como obra de arte. Insistindo na analogia, pode-se entendê-la num sentido kantiano – recentemente revisitado por Foucault – como o sistema das formas a priori determinando o que se dá a sentir. É um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência. (RANCIÈRE, 2009, p.16)

Dessa mesma maneira, Rosenfeld (1996) nos lembra que o grotesco é capaz de gerar o espetáculo, por conta de sua forma de elementos incomuns, isto é, por conta do estranhamento causado no espectador devido à escolha de representação da composição da obra. De acordo com Rosenfeld (1996, p.61) ‘mesmo nos graus atenuados do grotesco, de tipo mais lúdico ou satírico, não podemos deixar de sentir um ligeiro estremecimento, ante o espetáculo descomunal de um mundo, cujas categorias básicas perdem a sua validade’.

Os estratos sobre o grotesco perpassam movimentos na história da arte, a crítica ao riso da Idade Média e o risível e o escandaloso no Renascimento. Para Kayser (1957, p. 20): “havia para a Renascença não apenas algo lúdico e alegre, leve e fantasioso, mas, concomitantemente, algo angustiante e sinistro”.

Temos que o hipercapitalismo e a sua evidência de um individualismo exacerbado é espaço que favorece a um gênero ou estética discursiva como a da política de nosso tempo. Este é um tempo em que há efetivamente mais liberdade de manifestação de opinião e mais circulação da informação, a ponto de se verem nebulosas as hermenêuticas sobre direitos de manifestação do pensamento e os limites previstos no ordenamento jurídico, entre outras dificuldades na comunicação de todos os sujeitos envolvidos nas práticas cotidianas de linguagem.

O mundo encontra-se submerso na lógica do capital, sofrendo do excesso informacional e da crise das verdades, com os indivíduos em constantes interações, o que os coloca em maior frequência de atritos por divergências de entendimento, conhecimento e realidades. Diferentemente dos séculos passados, a cultura, a sociedade, os indivíduos e a política da atualidade estão inseridos no contexto do neoliberalismo. De acordo com Lipovetsky e Serroy (2007, p.14), o novo modelo mundial é composto pelo hipercapitalismo, isto é, quando o mercado coloniza a cultura e os modos de vida, fortalecendo os conceitos de racionalização, de mercantilização, de individualismo e do consumismo. Tal configuração geopolítica, cultural e econômica, há de encontrar reflexos na linguagem dos cidadãos e pode, como o fez, resultar na ascensão de um deles entre os que se encontram interpelados por esta nova realidade conjuntural.

Dominique Wolton (2010, p.13) vai nos dizer também que o século XXI é marcado pela convivência de diferentes pontos de vista e pela criação de condições para a coabitação possível entre essas diferenças.

Um gênero discursivo que pareça pretender interromper estágios evolutivos da organização social e promover a ordem no que chama de desordem porque em transformação, tem seu gosto estético no conservadorismo e na moralidade das tradições (de sexualidade, de identidade, de concepção de família e diversas outras formas significantes).

O filósofo coreano Byung-Chul Han (2018, p.21) reforça o entendimento de que no neoliberalismo, a política se converte às lógicas capitalistas, fazendo com que os políticos e os eleitores se reduzam a produtos e consumidores, respectivamente. Nessa perspectiva neoliberal, os indivíduos passam a ser objetos passíveis de escândalos. Segundo Han, a democracia da transparência diz respeito à liberdade que os indivíduos, sejam políticos ou não, têm de se expor voluntariamente ao público.

## Considerações finais

A forma de uma barbárie discursiva, deste recurso narrativo próprio que parece estreitamente afinado com a pós-modernidade na política, contrariamente aos discursos de cera que marcaram épocas, revestidos de retóricas empoladas e formas bastante sisudas que a tradição reconhece, coaduna-se com uma forma individual de ser e de pretender renunciar.

O conflito consequente estará entre sujeitos e indivíduos. Porque no âmbito do domínio discursivo, somos sujeitos e não pessoas. Quer dizer, é sempre Bolsonaro quem fala, o sujeito presidente, não a pessoa. Mas sua fala não se encontra assujeitada como a do presidente. Fala como pessoa, num discurso de si que frequentemente reclama: ‘Eu sou o presidente’, ‘eu quem mando’, o que em psicanálise e discurso já ficou suficientemente provado que é uma necessidade de reafirmação. E se esta reafirmação ocorre é porque está em desalinho com o lugar de fala que deveria ocupar. Porque aquilo que é, não precisa ser dito.

Tal desalinhamento é que beira a barbárie, o não civilizatório, o inaceitável. Há uma estética do gosto presente nessa tendência de mostrar tudo cada vez mais ao natural, inclusive, as mazelas, os defeitos, os limites do humano, seus podres e nefastas qualidades. Forças passionais, emocionais e fantasiosas superam o valor do racional.

Como Pêcheux (2009) bem considerou, é preciso refletir sobre este entremeio que se encontra na linguagem, sem nos conformarmos com evidências. Os sentidos, como se sabe, jamais são transparentes. Uma espetacularização da linguagem pode servir, muitas vezes, para que se desvie o debate de questões que efetivamente incomodam.

## Referências

BURITY, Joanildo Albuquerque. Discurso, política e sujeito na teoria da hegemonia de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, Daniel de e RODRIGUES, Leo Peixoto (Orgs). **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau**. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

GIROUX, Henri. **Crescimento do populismo de direita**. Le Monde Diplomatique. Ano 13. Nº 151. Fevereiro de 2020. Santana da Parnaíba, São Paulo: Plural, 2020.

- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder.** Belo Horizonte: Áyné, 2018.
- KAYSER, Wolfgang. **O grotesco: configuração na pintura e na literatura.** São Paulo, SP: Perspectiva, 1957.
- LACLAU, Ernesto. **A razão populista.** São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LELO, Thales Vilela. O que ainda podemos esperar de Kant? In: PICADO, Benjamim (Org). **Escritos sobre comunicação e experiência estética: Sedimentos, regimes e modalidades.** Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2019.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MONTESQUIEU, Charles. **O espírito das leis.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PARZIANELLO, Geder e PARZIANELLO, Sandra B. **Ficar em casa ou ir às ruas: o uso de argumentos em tempos de pandemia e as razões da incerteza na formação de juízos.** METALINGUAGENS, Vol. 7. Edição 1. 2020, pp.169-196.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 4ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação. A Nova Retórica.** São Paulo: Martins Fontes. 1958; 1999.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política.** São Paulo: Editora 34, 2009.
- ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto I.** 5. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 1996.
- RÜDIGER, Francisco. **Civilização e Barbárie na crítica da cultura contemporânea.** Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- SAFATLE, Vladimir. **O que é fascismo.** TV CULT, 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_ypurfdlPmU#action=share](https://www.youtube.com/watch?v=_ypurfdlPmU#action=share). Acesso em: 09 Maio 2020.
- SCHNEIDER, Marco. **A dialética do gosto.** Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2015.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco.** Rio de Janeiro, RS: MUAD, 2002.
- THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- TIHANOV, Galin. **Bakhtin, Joyce, and Carnival: Towards the Synthesis of Epic and Novel in Rabelais.** Paragraph. Vol. 24, No. 1, p. 66-83, 2001.
- WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre, RS: Sulina, 2011.